



**O ENTRECruzAMENTO DAS RELAÇÕES DE PODER NO ALTO
SERTÃO PARAIBANO: CAMPANHA DE 2012.**

LARISSA BESERRA DOS SANTOS ¹, MARIA LUCINETE FORTUNATO ²

¹ Bolsista do PIBIC/CNPQ, graduanda do curso de Licenciatura em História na Unidade de Ciências Sociais, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, E-mail: larissabezerra.1@hotmail.com.

² Historiadora, Professora Doutora da Unidade de Ciências Sociais, Especialista em História Política, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB. E-mail: mlucinete@uol.com.br

RESUMO

Este estudo objetiva discutir os jogos da política, em seus embates, alianças, estratégias e táticas de campanha, na eleição municipal de 2012, em Cajazeiras, Cachoeira dos Índios e Bom Jesus, no Alto Sertão paraibano. É fruto de uma pesquisa vinculada ao PIBIC/CNPq/UFCG, realizada em três momentos. Tem como fontes, material bibliográfico e documental; processos e ações judiciais; e entrevistas semiestruturadas com indivíduos que participaram do referido pleito eleitoral. Partimos de uma perspectiva foucaultiana de análise de discurso. A partir do entendimento dos jogos da política, pode-se estabelecer uma compreensão da rede capilar que institui as relações de poder contemporâneas, neste espaço, e, verificar até que ponto as mesmas influenciam e permitem uma (re) elaboração da cultura política local.

PALAVRAS-CHAVES: POLÍTICA. PODER. CULTURA.

ABSTRACT

This study aims to discuss the politics games, in their clashes, alliances, strategies and campaign tactics, In the municipal election of 2012, in Cajazeiras, Cachoeira dos Índios and Bom Jesus, in the Upper Sertão of Paraíba. It is the result of a research linked to the PIBIC / CNPq / UFCG, held in three moments. It has as sources, bibliographical and documentary material; Judicial actions; And semi-structured interviews with individuals who participate in the Electoral process. We start from a Foucaultian perspective of discourse analysis. From the understanding of the political games, one can establish an understanding of the capillary network that institutes as contemporary power relations in this space, and to verify to what extent as the same influence and to allow a (re) elaboration of the local political culture .

KEY WORDS: POLITIC. POWER. CULTURE

Introdução

A partir da Nova História Política, de suas ressignificações e até mesmo das mudanças no contexto político e, também, do próprio sentido de Estado, outrora, como um membro materializado do poder e, hodiernamente, passando para uma perspectiva mais ampla e subjetiva (pois quando pensamos em jogos de poder não enxergamos mais apenas uma instituição por si só, ou vemos um único ator político, o que existe é além de uma estrutura montada sob a égide estatal) tentaremos enxergar a dinamicidade contida na eleição de 2012.

Se o político é aquilo que tem uma relação direta com o Estado e a sociedade global, ele não se reduz a isso: ele se estende também às coletividades territoriais e a outros setores por esse movimento que ora dilata e ora encolhe o campo do político. (RÉMOND, 2003: 444).

Partiremos da relação entre política, cultura e sociedade. Nossas análises contemplam três municípios do sertão paraibano: Cajazeiras, Cachoeira dos Índios e Bom Jesus historicizando o exercício e as relações de poder neste contexto. A escolha dos entrevistados, por exemplo, tem um caráter múltiplo no sentido de não “personificar” o poder em um único candidato, pensando na subjetividade, já citada acima, o que nos possibilita enxergar esse cenário de inferências nos jogos da política. Aqui, pensamos nas coligações, nos conflitos e não, necessariamente, nos indivíduos separados do contexto histórico. A política desenrola-se, sob essa ótica, a partir de símbolos, representações, que permeiam o Estado, a sociedade geral e os grupos coletivos, o que chamamos de “cultura do político”. O imaginário social entra em cena e colabora na construção do próprio perfil dos candidatos e vice-versa, o que influencia diretamente no desenrolar da campanha.

É necessário percebermos essas novas faces que constroem uma historiografia voltada aos estudos do político e pensarmos em que medida ela vem sofrendo continuidades e desvios e quais os reflexos disso nos jogos de poder no alto sertão paraibano. Pensaremos esse cenário e em como ele vem sofrendo ressignificações na cultura política local durante as campanhas eleitorais, dando ênfase ao pleito de 2012.

O título da pesquisa tem todo embasamento no referencial teórico, no sentido de que jogo é poder e este é política e estes confluem para o discurso. Caminhamos através da perspectiva foucaultiana da multiplicidade do poder. (DÍAZ, 2012:120). Percebemos os jogos de poder como uma malha que se delineia discursivamente conformando e sendo conformado por ações políticas e socioculturais.

Problematizaremos em como o discurso político é proferido (o que é dito, como é dito e a intencionalidade) para, a partir disso, identificarmos em como as alianças, os embates e, portanto, as táticas de campanha, influenciam, principalmente, no desenrolar e, claro, nos resultados das eleições de 2012 no Alto Sertão Paraibano, nos municípios de: Cajazeiras, Cachoeira dos Índios e Bom Jesus, por meio da conquista dos votos. Pretendemos, aqui, pensar os sujeitos políticos envolvidos, como membros de uma engrenagem maior, e que não, necessariamente, está fixa ao pleito de 2012, mas que tramita entre os anos anteriores e que traz questões para o nosso recorte.

Esta pesquisa, dentro da Nova História Política, estabelecendo um diálogo entre sociedade, poder e cultura nos possibilita acessar como o político se enuncia nos diversos discursos analisados, se camufla, se percebe, se representa e se modela nas práticas socioculturais. O estudo das campanhas eleitorais nos traz essa possibilidade de interagir com os jogos de poder e apreender as tramas que os definem.

Nosso projeto se mostra relevante por, justamente, “palpabilizar” por meio da historiografia, um contato mais acurado com o político, para que interagindo com ele, o social possa visualizar as relações que vão sendo estabelecidas e em como elas influenciam no cotidiano, nos anos que seguem uma campanha e o quanto isso é perceptível nos vários setores da vida, tanto pública quanto privada, de uma população. Podemos, a partir disso, ressignificar nossas práticas políticas.

Metodologia

Na primeira etapa da pesquisa, buscamos elaborar os questionários das entrevistas, para, em seguida, começarmos a entrar em contato com os envolvidos no pleito de 2012. Houve, nesse mesmo período de planejamento e elaboração, a identificação dos sujeitos políticos. Fizemos, também, a leitura dos trabalhos das duas primeiras etapas da pesquisa (relatórios parciais e finais e artigo publicado), assim como leituras teóricas, com o intuito de positivar as três vigências.

Neste momento da pesquisa, foram realizadas doze entrevistas. Somadas, atê então, temos cerca de treze horas de áudio. O exercício da transcrição exige bastante atenção e tempo. Elaboramos perguntas específicas para os candidatos à prefeitura das três cidades, além, claro, das perguntas gerais. Vereadores e eleitores também tiveram perguntas voltadas ao quadro de atuação.

Em seguida, na próxima etapa desta vigência da pesquisa, daremos continuidade às entrevistas, às transcrições e faremos os recortes temáticos para elaboração final dos resultados.

A realização das entrevistas está sendo complicada. Há um sentimento de rejeição da entrevista entre eleitores e candidatos. As desculpas vão se tornando corriqueiras: “não tive envolvimento”, “não participei”, “acho que não posso contribuir”, “posso indicar outra pessoa”, “não tenho tempo”, entre outras. Algumas entrevistas, apesar de já existir a “aceitação” necessária demoraram a se concretizarem por uma série de fatores. No entanto, alguns entrevistados se mostram muito dispostos a contribuir. O resultado é que estamos conseguindo efetuar essa etapa do projeto, apesar dos percalços.

As entrevistas concebidas, até então, estão contribuindo para o andamento da pesquisa e trazendo dados significativos sobre o objeto estudado. No desenrolar da conversa, o entrevistado vai ficando à vontade e detalhando seu “lugar social” em relação à campanha de 2012. Com isso, já pudemos ir identificando algumas especificidades do pleito em questão, como se deu e quais os elementos que, segundo os enunciados que compõe os discursos dos entrevistados, singularizam esse momento. Percebemos, assim, as nuances da cultura política do Sertão paraibano e como foram articulados os processos eleitorais e uma visibilidade e dizibilidade sobre os mesmos.

Fundamentação Teórica

O “retorno” (no sentido de seu impulso crescente no universo acadêmico, mas não que ela tenha “encerrado/acabado”) da História Política, na década de 1980, proporcionou, aos estudos do político mobilidade e, conseqüentemente, inovações temáticas. No entanto, mesmo quando mantidas as questões “tradicionais” os modos de operacionalizá-las foram ganhando novas raízes.

Houve uma preocupação com os rumos da História Política nos seus mais diversos âmbitos. Eis que “surge” a Nova História Política, pensando em sintonizar a relação entre sociedade, cultura e política como já explicitado anteriormente.

Pensando de uma maneira didática, com o intuito de democratizar os conteúdos do político, podemos explicar da seguinte maneira: Há uma casa nos seguintes moldes: frente, sala, cozinha, quarto e banheiro. Com a “renovação” da História Política é como se esse mesmo lugar ganhasse detalhes até então visualizados de maneira insatisfatória,

como em uma espécie de “miopia”. O cenário vai sofrendo transformações. A lupa é utilizada para que este espaço ganhe nitidez. A arquitetura ganha formas, cores, cheiros, vozes, silêncios, emoções. Nesse sentido, quem poderia melhor falar desse espaço? Os próprios moradores. Essa metáfora é para que o leitor possa perceber as possibilidades que foram sendo estabelecidas a partir dessas necessidades de perceber o “além” do dado. Mas, ainda pode existir a dúvida: o que importa não é o fato de sabermos que a casa está ali? O que a História Local nos proporciona é, justamente, pensar essas minúcias que contribuem para o andamento do processo eleitoral e tornar crível a análise dos costumes, das representações, do imaginário que é construído na cultura do político.

Essa contextualização historiográfica se faz necessária para que possamos compreender os rumos epistemológicos, teóricos e metodológicos da Nova História Política (fruto de mudanças tanto internas como externas) e o porquê da nossa perspectiva foucaultiana de análise do discurso.

Nosso recorte temporal é a eleição de 2012. Nesse momento, aconteceram diversos fatores que movimentaram a cultura política local: candidatura de um prefeito do PSOL (em que não houve coligações), processo de impugnação (Carlos Antônio), primeira mulher eleita (Denise Albuquerque), entre outros fatores que iremos detalhar em um próximo momento desta pesquisa. Nesse sentido, percebemos que um dos aspectos dos embates e disputas da campanha de 2012 “é a disputa e convivência entre as partes contrárias no palco das eleições” (BARREIRA, 2004:141).

Para que possamos perceber as minúcias dessa cultura do político, iremos nos atentar ao tempo de curta duração, que segundo René Rémond (2003) diz em; “Por uma História Política”, não está engessado no tempo presente. O que o autor nos explicita é que há uma pluralidade que acarreta em um dinamismo do tempo e que uma história dos acontecimentos não abdicará de conversar com essa abundância de “ritmos temporais”. Para o autor, o papel do historiador é interrogar e entender que esses ritmos espaciais e temporais vão se entrelaçando no devir. Os comportamentos “micro” que a História Política se atenta não são “efêmeros ou instantâneos”, há um dançar político no sentido de mudanças entre o descontínuo e o contínuo em um curto espaço de tempo. Introduzimos, de maneira sintética, o sentido do nosso critério de duração.

O que René Rémond (2003) nos coloca é que a história factual ou, como ficou pejorativamente conhecida, “*événementielle*”, não se abstém de buscar às suas causas de maior amplitude. Podemos refletir pensando que a história precisa ser contada

também a partir dos seus retalhos. Esse termo parece estranho de antemão, mas os recortes de menor duração nos trazem a possibilidade de entender os movimentos a partir de silêncios que uma estrutura de longa duração não consegue ouvir. Sendo assim, percebemos com maior ênfase o desvio, além, claro, das próprias permanências (mas, nesse quesito, talvez os estruturalistas já possam servir com mais rigor).

Nesse contexto, percebemos que “os objetos da História Política são todos aqueles que se mostram atravessados pela noção de “poder” em todas as direções e sentidos, e não mais, exclusivamente, de uma perspectiva da centralidade estatal ou da imposição dos grupos dominantes de uma sociedade” (BARROS: 2005).

Portando, a partir dessa multiplicidade de análise do discurso queremos investigar as implicações epistemológicas, políticas e socioculturais que inferem nos jogos do político, na região do alto sertão paraibano, buscando apreender as relações de poder que se estabelecem na nossa contemporaneidade e sua utilização enquanto instrumento de (re) elaboração e compreensão da cultura política local.

Resultados Parciais

As leituras, encontros, discussões, entrevistas e transcrições nos possibilitaram perceber e desenvolver análises e resultados parciais.

Para Foucault (2014: 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. O discurso, aqui, é o objeto ao qual se almeja, é a validação dos enunciados e da permanência de grupos políticos, os quais dificilmente são sustentados sem ele. Nós percebemos essas estruturas nas coligações partidárias (e em suas denominações) que seriam reforços para a edificação de um candidato, mesmo tendo ideologias distantes. Ficou claro, a partir das entrevistas, que esse foi um fator imprescindível para conquista de votos. O apoio de outros partidos e de seus líderes, de membros da comunidade, comerciantes, empresários, comunicadores que ajudaram a disseminar o discurso (ou de permanência ou de saída de um programa administrativo) foram essenciais. Mescla-se o discurso com o desejo de verdade.

Partindo desse entendimento de discurso, as músicas, as rádios locais, os sites, tiveram um papel imprescindível de não só acompanhar, mas “movimentar” os trajetos

do pleito de 2012, principalmente, em Cajazeiras, onde os meios de comunicação são mais presentes.

Em Cachoeira dos Índios é relatado “manipulação de pesquisas” pela situação. Isso acarretaria na baixa perspectiva de “mudança” (troca de poder), pois a população não queria “jogar o voto fora”. “Se fazia aquela pesquisa mascarada que também é um ponto que intimida: ‘ah, a situação está na frente com não sei quantos mil votos’. Isso, também, acredito eu, influencia para a votação se consolidar.” (Candidato 1)

Em Cajazeiras, a oposição acusa os candidatos situacionistas de “liderar” a comunicação local, de modo que não haja espaço para os demais. Sendo assim, haveria uma administração e centralização do “poderio midiático” pelos políticos que já estavam/estiveram no poder: “A imprensa, toda ela, disputava uma fatia de um lado ou de outro lado. A terceira via, que no caso seria eu, não teve a menor atenção da imprensa”. (Candidato 1)

Rememoro aqui, que Carlos Rafael era o prefeito em exercício no pleito de 2012 e construiu sua campanha em cima dos seus feitos, em prol da continuidade dessa administração. Carlos Antônio que já estivera no poder durante oito anos, articulou-se como candidato da solução. Nesse sentido, a música de campanha deste último diz:

Pra nossa terra voltar a sorrir, Cajazeiras vai reagir. Quem não lembra de um tempo feliz que o povo cantava assim: (Alô Cajazeiras, a hora da mudança chegou, Dr. Carlos voltou...) O povo todo pulando, o povo todo vibrando com Dr. Carlos eu vou, aqui só tem alegria e juntos nessa harmonia com Dr. Carlos eu vou.

Fica nítida uma relação com as emoções que criavam uma identidade para o candidato. A música é construída a partir da felicidade do povo em ter Carlos Antônio de volta, como prefeito. No Jornal “Gazeta do Alto Piranhas”, faltando sete meses para a eleição, Carlos Antônio aparece como candidato preferido pela população. Havia um “Marketing” político, por meio dos chamados “cabos eleitorais”, que são utilizados nas campanhas para mobilizar as massas. Carlos Rafael (“Cajazeiras de Mãos Limpas”) denuncia Carlos Antônio (“A Esperança Voltou”) como inelegível, pelo fato de constar no TRE processos nos quais ele estava sendo acusado, em suma, de improbabilidade administrativa. Além de contas reprovadas. Toda essa movimentação foi sendo reportada pelos jornais e rádios. Ou seja, isso sustenta o discurso de que o candidato do PSOL, Gildemar Pontes, esteve distanciado dos “enunciados” políticos na campanha.

A entrada de Denise Albuquerque, primeira mulher a administrar Cajazeiras, esposa do candidato impugnado, se apresenta como tática de aliança para que Carlos

Antônio continuasse no poder: “A eleição de Francisca Denise Albuquerque de Oliveira também expressou a compreensão de como as relações de poder são encaradas e vivenciadas como peças que podem ser manipuladas ao sabor dos interesses e das conveniências.” (FORTUNATO; MOREIRA NETO, 2013:16).

Em Bom Jesus, a situação que liderava, até então, perde o pleito em 2012 e enfraquece sua atuação. Perdem o poder de fala na Câmara de Vereadores, pois os vereadores que não tem êxito na eleição estão, agora, em menor número, segundo essa situação que perde e é tida, a partir disso, como “oposição”. Esta ora diz que pede pelo povo e enfrenta a “situação”, ora diz que prefere ficar tranquila e respeitar os “situacionistas” do que comprar briga.

Os políticos, até então, em suma, entraram na política através de familiares/amigos/próximos que impulsionaram suas candidaturas. Poucos relataram suas formações como agentes políticos. As exceções, porém, se mostraram por dentro do cenário político desde os tempos da juventude, em que participavam de grupos de estudo e de movimentos políticos.

Os grupos políticos em permanência tendem a rejeitar e separar a circulação de discurso das ditas “oposições”, como citado acima. Isso é nítido em Cajazeiras, quando o discurso do PSOL não se sustenta na sociedade e não é perpassado. Não há força. Esse partido, por exemplo, não fez coligações com outras linhas, pois segundo o candidato à prefeitura e líder do PSOL, Gildemar Pontes, não havia semelhanças partidárias, o que o fez ser considerado como “real” oposição na cidade.

Já na cidade de Cachoeira dos Índios, a oposição, liderada por “Guia”, que ainda não havia se candidatado, até então, fez coligações com partidos considerados distintos ideologicamente, mas com o intuito de fortalecer sua candidatura como oposição. A situação fortalecida, no nome de Francisco Dantas, por já estar no exercício do poder desde 2002 e ter angariado alianças ao longo de um período maior de tempo, saiu vitoriosa.

Em Bom Jesus, a chamada situação foi sendo atacada por um discurso de “inovação” da oposição que acabou logrando sucesso. Os situacionistas, nesta cidade, já estavam no poder por longas eleições, mas a disputa foi acirrada, tanto a situação como a oposição reconhece isso quando citam o fato da diferença de votos terem sido, apenas, doze.

Pensando assim, o papel das coligações como motor de apoio aos líderes políticos de cada cidade é um dos principais pontos para conquista de votos.

Há uma característica que é necessária ressaltarmos em nossa problematização: a questão das famílias e seu envolvimento na campanha. Essa é uma realidade mais corriqueira da política interiorana. O apoio dos parentes e amigos vai fortalecendo os candidatos e transmitindo o discurso de campanha. Inclusive, a própria inserção do candidato na política é tomada, dessa forma, como colocado acima. Quando perguntamos quais os sujeitos que contribuíram para edificação dos candidatos, quase todos indicaram membros da família.

Em Cachoeira dos Índios a relação de parentela é muito forte. Inclusive, eleitores que apoiaram o candidato da situação em 2012, sendo da mesma família, passaram a contribuir na eleição da oposição já em 2016, o que talvez tenha possibilitado à vitória da oposição neste ano.

Na ordem do discurso, e nesse exercício de exclusão, Foucault ainda cita que há uma oposição entre verdadeiro e falso. É necessário pensarmos em como essa verdade se estrutura. Quando pensamos em historicidade, no movimento da ação do tempo sobre as coisas, nas particularidades, vamos problematizando a relação entre “vontade de verdade e vontade de saber”. Foucault diz: “Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um sistema institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas”. (2000:17). Sendo assim, a política está marcada por conquista, convencimento, exercício e busca de poder. O fazer político é múltiplo, diverso, imprevisível e heterogêneo, envolvendo jogos e representações simbólicas. “O campo do político não tem fronteiras fixas, e as tentativas de fechá-lo dentro de limites traçados para todo o sempre são inúteis”. (RÉMOND, 2003:443).

A conquista de votos, por exemplo, vai ampliando seus meios de sedução. Criam-se modelos além da própria compra ou imposição do voto. O sensível é um campo que exemplifica esse seduzir para obtenção de votos na contemporaneidade. As músicas, a imagem do candidato com sua expressão verbal e física, os jornais, as emissoras de rádio, as charges, a justiça, os comícios em que há a centralização da fala do candidato, entre outros, mexem com as emoções e, conseqüentemente, com o andamento da eleição.

A análise das entrevistas, bem como sua transcrição, está nos possibilitando dialogar com os nossos objetivos na pesquisa, que é problematizar como se estabelecem as relações de poder na contemporaneidade e como esse jogo vai se resignificando na cultura do político.

Conclusão

Pretendemos dar continuidade ao processo de pesquisa fazendo o entrecruzamento dos dados coletados através das entrevistas que estão sendo realizadas. A partir de uma perspectiva foucaultiana de análise do discurso, fazendo um confronto com as vigências anteriores, que destacaram a mídia e o poder judiciário, com esta, em que a própria fala do sujeito político entra em cena, iremos problematizar os resultados buscando identificar os desvios e as permanências a partir de recortes temáticos. Por fim, faremos uma sistematização de todo esse “emaranhado” historiográfico e concluiremos a pesquisa, com a ideia de abertura de diálogo dos estudos da cultura do político na região do Alto Sertão Paraibano. Esperamos que o debate que será travado a respeito deste estudo, no evento em pauta, também possa nos trazer contribuições significativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Francisco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: GROS, Frédéric (Org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p.44-45.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Chuva de Papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil**. Rio de Janeiro. RelumeDumará: Núcleo de Antropologia Política, 1998.

_____. A expressão dos sentimentos na política. TEIXEIRA, Carla Costa, CHAVES, Christine de Alencar (org.). **Espaços e tempos da política**. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

_____. Ritual e Símbolo na Política. **Cadernos Ceru** – Série 2, nº 7, 1996.

BARROS, José D'Assunção. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. In. **Saeculum - REVISTA DE HISTÓRIA**[12]; João Pessoa, jan./ jun. 2005.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. **Sentimentos e emoções no espaço da política**. Uma leitura da prática eleitoral no cenário midiático. www.bocc.ubi.pt , 2007.

BRANCO, Poliane Castello. A História do Voto no Brasil. Fortaleza, Adital, 2006.

BURKE, Peter (org.); **A escrita da História: novas perspectivas**. trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP. 1992

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A Política dos Outros** – o cotidiano dos moradores da periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAMARÃO, Paulo César Bhering. **O Voto informatizado: Legitimidade Democrática**. São Paulo, Empresa das Artes, 1997.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. A Nova Estética do Espetáculo político. XIMENES, Tereza. **Novos Paradigmas e Realidade Brasileira**. Belém: UFPA/NAEA, 1993.

CASTORÍADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 2. ed., São Paulo, Paz e Terra, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. Política e Cultura Democráticas: O Público e o Privado Entram em Questão. **Revista Universidade e Sociedade**, Ano I, nº 2, Novembro de 1991.

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

DEMO, Pedro. Saber Pensar. São Paulo: Cortez, 2000. (7ª Edição 2011)

DÍAZ, Esther. Os dispositivos de poder. In: **A filosofia de Michel Foucault**. 1.Ed. São Paulo: Unesp, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**, São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos)

_____. A Microfísica do Poder. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **A ordem do discurso**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. **O conceito de coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local**. Campina Grande-PB:EDUFPG, 2008.
- _____. **Da “consideração” ao “ganho”**: redefinições das relações de poder no discurso “camponês”. (o caso de catolé do rocha). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural, CH/UFPB, Campina Grande, 1993.
- _____. **Repensando as Relações de Poder no Sertão Paraibano**. Aperfeiçoamento Científico – CNPq. Relatório 1987 – 1988. Campina Grande (mimeo.).
- _____; MOREIRA NETO, Mariana. **Tramas e ardis do jogo político: entre microfones, cores e fugidias promessas**. XXX, 2013
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GOLMAN, Marcio & SANT’ANNA, Ronaldo dos Santos. Elementos para uma Análise Antropológica do voto. In: PALMEIRA, Moacir, GOLDMAN, Márcio. **Antropologia, Voto e Representação Política**. Rio de Janeiro, Contracapa, 1996.
- GOMES, Ângela de Castro. “História, Historiografia e cultura política no Brasil”. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B. & GOUVÊA, Maria de Fátima S. (Orgs.). **Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: FAPERG/ Manuad, 2005; MOTTA, Rodrigo Pato (Org.). **Culturas Políticas na História: novos estudos**. Belo Horizonte: Argumentum/ FAPEMIG, 2009.
- JODELET, Denise. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ,2002,
- KUSCHNIR, Karina. **O Cotidiano da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- LIMA, Venício A. Sete teses sobre mídia e política. In. **REVISTA USP**, São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio 2004.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).
- MORAES, Denis de. **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Tradução de Karina Patrício. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro FAPERJ, 2013.
- SAMUEL, Raphael. "História local e história oral". In: **Revista Brasileira de História (19)**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990.
- SILVA, Thomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**.Petrópolis: Vozes, 2000.
- MACEDO, Roberto Gondo& MANHANELLI, Carlos. A História do Voto no Brasil: O profissional de *Marketing* Político nos Bastidores do Processo Eleitoral. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de agosto a 02 de setembro de 2007.
- MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. **O Povo Sabe Votar – uma visão antropológica do voto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e Representação ou como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MOREIRA NETO, Mariana. **Outro Sertão: fronteiras da convivência com o semiárido**. Recife: Massangana, 2013.

NICOLAU, Jairo. **A História do Voto no Brasil**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2002.

PALMEIRA, Moacir. **Voto: Racionalidade ou Significado?** Artigo extraído da Internet: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_20/rbcs_04.htm. Acesso em 28/5/2008.

RUBIM, Antônio Albino Canelas, (org.) Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil. Ensaio sobre mídia, cultura e política. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

RÉMOND, René. Do Político. In: **Por uma História Política**. Tradução Dora Rocha. 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SÁ, Almir Moraes de. **Os modos de dizer e de fazer (d)a convivência: enunciados e invenções de Semiárido**. Dissertação de Mestrado, PPGH/ UFPB, 2012. 171 p.

TEIXEIRA, Carla Costa. Retórica de queixas e acusações na derrota eleitoral: o caso Cristovam Buarque no Distrito Federal. In: HEREDIA, Beatriz; TEIXEIRA, Carla & BARREIRA, Irllys (org.) **Como se fazem Eleições no Brasil – estudos antropológicos**. Rio de Janeiro, RelumeDumará, s.d.

TEIXEIRA, Carla Costa & CHAVES, Christine de Alencar. (org.) Espaços e Tempos da Política. Rio de Janeiro, RelumeDumará: Núcleo de Antropologia da Política?UFRJ, 2004.

VIEIRA, Stalimir. **O Moído de 2002 – Bastidores da Campanha Eleitoral que rachou a Paraíba**. São Paulo: Livro Livre, 2006.

WEBER, Maria Helena. **Mídia e Eleições: Relações (Mal)Ditas**. In: NETO, Antônio Fausto, PINTO, Milton José. **O Indivíduo e as Mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.